

Curu Preto - 6 de Setembro de 1895.

Meu charo Galles

Tenho diante dos olhos a tua preciosa cartinha de 20 de agosto.

Como sabes, dei-ci na unica livraria da terra alguns exemplares de teu livro; poucos se tem vendido, mas como não olhas para o lucro, isso não me incomoda. Opportunamente o livreiro me dará a conta. Isso por aqui é uma lastima a respeito de litteratura e de tudo.

O clima de Curu Preto, frio e humido durante a maior parte de anno, pois agora ainda se está tiritando e constipado, me acabrunha de veras. Juncto a isto a falta de incentivos, a miseria de meu, e as minhas occupações de funcionario, que trabalha 6 horas por dia, sem des-

canço e sem férias, e a minha saúde e o
meu estado moral, e terás a explicação
da esterilidade em que me vês. Quasi
nada produzo agora, mormente versos.
Os que tens visto publicados em alguns
jornaes do Rio já não são novos.
Sinto em mim mesmo uma indisposi-
ção para escrever litteratura, que me sub-
juga, que não posso vencer. Parece que
não ha nada mais a esperar de mim. Tas
sou tudo. Admira a fertilidade de D. Ces,
o fogo, o enthusiasmo, a fé, que se mostra
no que produzem. Invejo essa força, que
já não tenho, esse vigor ardente de que já
não me sinto capaz. É com intima satisfa-
ção e saudade que leis o Tã. Não duoides

da sinceridade com que te fallo. Não me foi pos-
sível continuar o meu estudo sobre a Tadaria.
Faltam-me ainda elementos importantes. Quiz
mesmo tractar especialm^{te} das Trovas do Nor-
te, tanto mais quanto o Sabino me escreveu pe-
dindo com instancia que eu fizesse um artigo
sobre aquelle teu encantado liro. Mas, qual!
não é o primeiro projecto meu que fica no
tinteiro. Também não precisas. Deves estar
contente com a recepção que mereceu teu li-
vro, e as proprias acerbas injustiças, a que
te referes, atiradas contra ti e contra a Tada-
ria, são uma verdadeira sagração. Assim o
penso, porque não ha merito legitimo que
não deua soffrer os seus embates. Em compen-
sacão João tem rechassado com valentia os

golpes lançados adversos. Mario de Azevedo é um bom amigo
nosso, com effeito. É um menino ainda, posso assim dizer, mas
inspira-me esperanças pelo seu talento e sobretudo pelas suas excel-
lentes qualidades. Os versos que elle remetteu não me pareciam máis,
ao contrario achei que tinham seu merito relativo. Como elle mostras-
se desejo de ver o seu trabalho e o seu nome a figurarem em alguma
das columnas do Tão, consultou-me si devia remettel-os e a quem di-
rectamente, e eu aconselhei-o a que os remetteste a ti. Não tem mos-
trou-me elle o bilhete que lhe escreveste, mas não se incommodou, deu-
te razão até. Eu fiz-lhe uma leve admoestação: que elle não devia ter escripto
dizendo que eu lhe pedira versos para o Tão, mas sim pedindo aos re-
dactores d'este a honra de lhe publicarem os seus versos, pois isso é
de comeginta delicadeza, que ninguem ignora. Foi uma creança da del-
le que desculparás, certo de que elle é nosso amigo, teu sincero admira-
dor e com quem podes contar. O seu desejo de collaborar em um journal,
que elle aprecia, é muito natural por fim de contas. O teu post-scripto
sobre elle tambem é natural, mas não sahio do sigillo, consumio como é de
uso fazer-se. Como me podes alguma coisa inédita, acabo de fazer os
poucos tercetos inclusos para serem publicados no Tão. Não te vão parecer
tambem uma velharia. Não te desapontar, não passará talvez o nome
de Anarda, que se encontra a grande em Filinto Elysis, Bocage e outros
Arcades portuguezes? Em todo o caso, é o que me sahio da penha, que
vãe ahí. Costuma que tivesses gostado de poucos que escrevi sobre o Tada-
ria; mas podes crer que alli não houve benevolencia, nem vontade de
agradar propriam^{te}, e sim desejo de exprimir a verdade d. que sentia
e sinto. Fiz algum esforço mesmo para ser rigoroso, pondo a amisade
de parte, que mais vãe a justiça.

Juncto a esta um retrato meu. Não é grande couer com traba-
lho photographico, mas não sei quando tirarei outro. Este foi tirado
no Rio, há mezes, mas si agora é que me remetteram a duzia. Man-
darei um tambem p.^o Sabim. Tenho muitas cartas a escrever;
muitos deveres de amisade a cumprir. Não sei como me desempe-
narei d'elles. Entre outros, tenho de escrever p.^o Centro Litterario
d'essa cidade de onde me enoiaram, com a revista Tracema, os Des-
cadores de Tatyba e o Coracão, poemas de Aloar Martins e de Ro-
drigues de Carvalho. O primeiro principal^{te}, achei delicioso.
Recommenda-me a Cam. Tamplin e aos amigos que ahí deixei;
o Sabim, o Ulysses, o José Carlos, o Lopes Filho e tantos outros x
Aceito um abraço do teu saudoso Raym. Correia